

DISCURSO E COGNIÇÃO: UMA ABORDAGEM BASEADA EM *FRAMES*

DISCOURSE AND COGNITION: A FRAME-BASED APPROACH

*Paulo Henrique Duque*¹

RESUMO: Esse estudo apresenta algumas evidências de que estratégias cognitivas baseadas em *frames* são suficientes para fornecer os insumos necessários para a construção de sentidos complexos e de diferentes visões de mundo. Para isso, dividimos o processo de construção de sentido em duas fases - análise construcional e resolução contextual - apresentamos os mecanismos básicos de acionamento de *frames* e demonstramos como tipos de *frames* específicos são acionados por determinados indexadores linguísticos (lexicais ou gramaticais) no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Discurso. *Frames*.

ABSTRACT: This paper presents evidence that cognitive strategies based on frames are sufficient to provide the necessary inputs for complex meanings and different worldviews construction. To do this, we divide the process of meaning construction in two phases - constructional analysis and contextual resolution. In addition, we introduce the basic mechanisms of activation frames and we demonstrate how specific frames types are triggered by particular linguistic (lexical or grammatical) cues in the discourse.

KEYWORDS: Cognition. Discourse. *Frames*.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

INTRODUÇÃO

Frames são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a *frames* construídos por meio da interação ou do discurso. À medida em que a estruturação e o acionamento desses padrões cognitivos ocorrem inconscientemente, cabe às ciências da cognição explicitá-los.

Para a Linguística Cognitiva, em especial, essa explicitação se ancora na linguagem, ou seja, o processo cognitivo de construção do sentido tem início no reconhecimento dos indexadores linguísticos que vão sendo apresentados sucessivamente no discurso. Fauconnier (1999, p.1-2) compara a relação entre linguagem e sentido a um iceberg: “[...] a linguagem visível é apenas a ponta do *iceberg* da construção invisível do sentido que acontece enquanto pensamos e falamos”² (tradução nossa). De acordo com o autor, essa cognição invisível, responsável por definir a nossa vida mental e social, pode ser explicitada:

Por sabermos que a linguagem está estreitamente vinculada a alguns processos mentais importantes, temos, a princípio, uma fonte de dados virtualmente inesgotável para investigarmos alguns aspectos dos processos mentais³ (tradução nossa, FAUCONNIER, 2009, p. 2-3).

² “[...] language visible is only the tip of the iceberg of invisible meaning construction that goes on as we think and talk” (FAUCONNIER, 1999, p 1-2).

³ “Because we know language to be intimately connected to some important mental process, we have in principle a rich, virtually inexhaustible source of data to investigate some aspects of mental processes.” (FAUCONNIER, 2009, p. 2-3).

A “fonte de dados inesgotável” a que Fauconnier se refere são as dezenas de milhares de palavras que produzimos e compreendemos todos os dias⁴. E, segundo Fillmore e Baker (2011, p. 318), “[...] basicamente todas as palavras de conteúdo exigem, para a sua compreensão, um apelo aos *frames* situacionais dentro dos quais o sentido transmitido por elas é motivado e interpretado⁵” (tradução nossa).

Essa afirmação é ratificada pela teoria neural da linguagem, de acordo com a qual, um *frame* é uma “cascata” de circuitos neurais acionada por palavras. Nas palavras de Lakoff e Wehling (2012, p.29), uma “cascata”⁶ é

[...] uma rede de neurônios que liga muitos circuitos cerebrais. Todos os circuitos devem ser ativados ao mesmo tempo para produzir uma determinada compreensão. Simplificando, o cérebro não processa ideias simples como entidades separadas: um contexto maior, uma construção lógica dentro da qual a ideia é definida, é evocada a fim de capturar o seu significado⁷ (tradução nossa, LAKOFF; WEHLING, 2012, p.29).

A seleção do léxico e a forma de combinarmos palavras durante a produção do discurso devem ser pensadas como estratégias básicas de construção de sentido. Neste artigo, apresentaremos algumas evidências de que essas estratégias, apesar de básicas, são suficientes para fornecer os insumos necessários para a construção de sentidos complexos e de diferentes visões de mundo. Para isso, baseados em Bergen e Chang (2005), dividiremos o processo de construção de sentido em duas fases:

- a. *Análise construcional*: a partir dos indexadores linguísticos, *frames* simples (esquemas imagéticos) são interligados e resultam em um *frame* complexo; e
- b. *Resolução contextual*: os componentes semânticos do *frame* complexo, resultantes da análise construcional, são preenchidos por referentes específicos disponíveis no contexto corrente (*frame* interacional).

Para o delineamento da proposta em tela, apresentaremos os mecanismos básicos de acionamento e uma proposta de categorização dos *frames*. Em seguida, trataremos mais especificamente das relações entre *frames* e discurso.

MECANISMOS DE ACIONAMENTO DE *FRAMES*

De acordo com Lakoff (2001), *frames* são acionados mesmo quando são negados. Quanto a esse fenômeno cognitivo, o autor nos traz o seguinte relato:

⁴ De acordo com Wong (2012), chegamos a processar cognitivamente 400 palavras por minuto.

⁵ “[...] essentially *all* content words require for their understanding an appeal to the background frames within which the meaning they convey is motivated and interpreted” (FILLMORE; BAKER (2011, p. 318).

⁶ “Cascade” (LAKOFF; WEHLING, 2012, p. 29).

⁷ “[...] a network of neurons that links many brain circuits. All of the linked circuits must be active at once to produce a given understanding. Simply put, the brain does not handle single ideas as separate entities: a bigger context, a logical construct within which the idea is defined, is evoked in order to grasp its meaning” (Idem, p. 29).

Quando eu explico o acionamento de *frames*, em Berkeley, em Ciência Cognitiva 101, a primeira coisa que faço é dar um exercício aos meus alunos. O exercício é: Não pense em um elefante! Faça o que fizer, não pense em um elefante. Nunca encontrei um aluno que seja capaz de não pensar em um elefante. Eu nunca encontrei um aluno que seja capaz de fazer isso. Cada palavra, assim como “elefante”, evoca um *frame*, que pode ser uma imagem ou outros tipos de conhecimento⁸ (tradução nossa, LAKOFF, 2001, p.3).

De um modo geral, atribuímos características a conceitos predefinidos (default): associando-os a *frames* específicos, como em (1), ou mudando a perspectiva dentro de um mesmo *frame*, como em (2).

(1) Leão vs. leão de pedra e bola vs. bola vermelha⁹ (exemplo de FELDMAN, 2006, p. 298)

(2) O copo está meio cheio vs. o copo está meio vazio.

Basicamente, o acionamento de um *frame* adiciona uma perspectiva ao conceito em questão. Nesse sentido, a seleção lexical é crucial para a perspectivação conceptual, como em (3),

(3) Terra e solo

Aparentemente, em (3), as palavras “terra” e “solo” identificam a mesma entidade. No entanto, ao ouvirmos que um viajante ficou poucas horas em terra, pressupomos que esse viajante interrompeu uma viagem marítima e, ao ouvirmos que um viajante ficou poucas horas em solo, pressupomos que esse viajante interrompeu uma viagem aérea. De acordo com Fillmore (1977), compreender a escolha das palavras para modelar uma cena, portanto, exige a memória dos eventos que a antecedem.

Além da seleção lexical, há duas outras estratégias de acionamento de *frames*: o arranjo gramatical (4) e o mapeamento metafórico (5).

(4) a. Carla comprou o computador de Célia por R\$ 1.000, 00

b. Sally vendeu o computador para Carla por R\$ 1.000, 00

(5) Governo vai aliviar impostos para pobres. O primeiro-ministro da França, Manuel Valls, disse ontem que o governo apresentará este ano um novo projeto tributário, que visa reduzir os impostos para os contribuintes mais pobres. Segundo ele, com o projeto, 1,8 milhão de famílias não terão mais que pagar impostos.

De acordo com Fillmore (1977), em exemplos como (4a), “Carla”, o COMPRADOR¹⁰ e “computador”, a MERCADORIA comprada, são elementos básicos

⁸“When I teach the study of framing at Berkeley, in Cognitive Science 101, the first thing I do is I give my students an exercise. The exercise is: Don't think of an elephant! Whatever you do, do not think of an elephant. I've never found a student who is able to not think of an elephant. I've never found a student who is able to do this. Every word, like elephant, evokes a frame, which can be an image or other kinds of knowledge” (LAKOFF, 2001, p. 3).

⁹ “Stone lion” e “red ball” (FELDMAN, 2006, p. 298)

do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL. Os elementos de fundo desse *frame* são “Célia”, o VENDEDOR¹¹, e “R\$ 1.000, 00”, o VALOR da compra. No exemplo em questão, adotamos a perspectiva do comprador. Em (4b), o mesmo evento comercial é apresentado na perspectiva do vendedor.

Em (5), o indexador linguístico “aliviar impostos” revela aspectos que vão além do sentido de diminuição do valor de taxas tributárias. Ao submetê-la a uma análise mais detalhada, verificamos, por exemplo, um nuance político no sentido construído pela expressão. Enquanto a palavra “impostos” parece evocar um *frame* específico relacionado à tributação, “aliviar” parece acionar *frames* acionados em outras circunstâncias: uma rápida busca com a ferramenta Google, revelou os enunciados em (6).

(6) a. os medicamentos à base de hexamidina trazem benefício apenas durante o efeito da medicação, aliviando o sintoma sem tratá-lo.

b. Livros didáticos digitais podem aliviar o peso na mochila.

c. A atendente percebendo minha aflição, aliviou-me.

Os exemplos, em (6), demonstram que “aliviar” diz respeito a processos de remoção de dor, peso ou aflição, respectivamente. Vamos dizer, pois, que “aliviar” evoca o *frame* ALÍVIO, de acordo com o qual uma, no primeiro momento, VÍTIMA se encontra num estado de SOFRIMENTO por suportar uma DOR, um PESO ou uma AFLIÇÃO. No segundo momento, essa DOR, PESO ou AFLIÇÃO é removido graças a uma ação (medicar, tirar o peso ou acalmar). No terceiro momento, a VÍTIMA se encontra num estado de NÃO-SOFRIMENTO. As ações que causam o alívio podem ser várias, mas o ALIVIADOR (agente que causa o alívio), objeto ou pessoa que remove a DOR, o PESO ou a AFLIÇÃO, é uma espécie de BENFEITOR para a ex-vítima.

Dessa forma, em (5), ao combinar ‘aliviar’ e ‘imposto’, o autor produtor do enunciado construiu uma conceptualização para IMPOSTO – através de um mapeamento metafórico, IMPOSTO é conceptualizado como DOR, PESO ou AFLIÇÃO; e POBRE, quem paga o imposto, no caso, é conceptualizado como VÍTIMA. Nesse sentido, a expressão “aliviar impostos” estabelece a metáfora IMPOSTO É UMA DOR, PESO OU AFLIÇÃO, que favorece a assunção de uma perspectiva negativa para a referida tributação. Assim, o governo que apoia a diminuição do tributo acaba sendo conceptualizado como um tipo de BENFEITOR.

Por meio das estratégias apresentadas (seleção lexical, arranjo gramatical e mapeamento metafórico), verificamos que *frames* constroem e orientam o modo de pensarmos e compreendermos o mundo. Nesse sentido, podemos deduzir que esses constructos cognitivos são essenciais para a construção de sentidos a partir de indexadores linguísticos fornecidos pelo discurso. A seguir, apresentaremos diferentes tipos de *frames*.

CARACTERIZAÇÃO DOS *FRAMES*

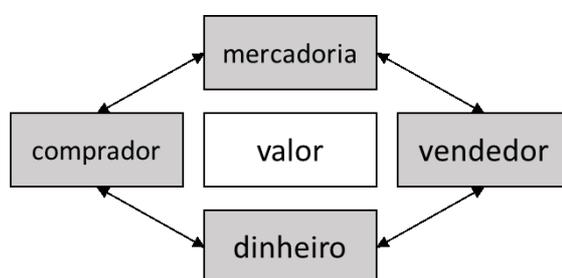
¹⁰ A fim de se estabelecermos uma uniformidade notacional ao texto, ao tratarmos de formas linguísticas, adotamos aspas simples (o substantivo ‘computador’); ao tratarmos de enunciados linguísticos, adotamos aspas duplas (“Carla”); ao tratarmos de domínios conceptuais, adotamos versaletes (COMPRADOR).

¹¹ A preposição ‘de’ é o indexador linguístico que parece favorecer o entendimento de que CÉLIA é o VENDEDOR.

Apesar de haver inúmeras abordagens sobre o assunto (MINSKY, 1974; FILLMORE, 1977; FISHER *et al*, 1991; FISHER, 1997; MORATO, 2010; PETRUCK, 1996 etc.), todas elas se baseiam no pressuposto de que, conforme Lakoff (2008, p.22), “os *frames* estão entre as estruturas cognitivas com que pensamos¹²” (tradução nossa), de modo que orientam a maneira como compreendemos o mundo à nossa volta. Essa grande quantidade de abordagens acaba repercutindo em grande diversidade de tipologias. Independentemente dessa variedade, no entanto, *frames* são pensados como Gestalts cujas partes, ou papéis, estabelecem relações entre si.

O *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL, exemplo de Fillmore (1977) que se tornou clássico, consiste dos papéis e relações representados na Figura 1.

Figura 1: Representação gráfica do *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com o gráfico da figura 1, o *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL é constituído por cinco papéis fundamentais COMPRADOR, VENDEDOR, MERCADORIA, DINHEIRO e VALOR. Esses papéis estabelecem relações específicas entre si, as quais estão caracterizadas no Quadro 1.

Quadro 1: Relações entre os papéis do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL

	Papel 1	Relação 1	Papel 2	Relação 2	Papel 3
Perspectivação do <i>frame</i>	MERCADORIA	é	VALOR	-	-
	VALOR	é	DINHEIRO	-	-
Estado 1	COMPRADOR	possui	DINHEIRO	-	-
	VENDEDOR	possui	MERCADORIA	-	-
Estado 2	COMPRADOR	deseja	MERCADORIA	-	-
	VENDEDOR	deseja	DINHEIRO	-	-
Ação	COMPRADOR	dá	DINHEIRO	ao	VENDEDOR
	VENDEDOR	dá	MERCADORIA	ao	COMPRADOR
Estado 3	VENDEDOR	possui	DINHEIRO	-	-
	COMPRADOR	possui	MERCADORIA	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

¹² “Frames are among the cognitive structures we think with” (LAKOFF, 2008, p.22).

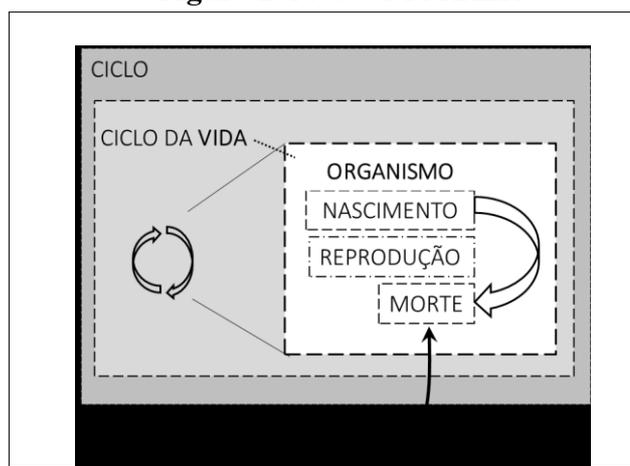
No Quadro 1, além das relações estabelecidas pelos papéis do *frame*, é possível depreendermos a estruturação do evento, ou seja, a ação e os estados que limitam a ação: estado 1, estado 2 e estado 3. A ação de transferência é um *frame* (evento) específico (TRANSFERÊNCIA-DE-POSSE) dentro do *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL. O mesmo “subframe”, transferência, pode integrar outros *frames*, como demonstram os exemplos em (7).

- (7) a. Roberto Carlos dedica show a Hebe e joga flores aos fãs.
b. Rubens Bomtempo passou a bola para Paulo Mustrangi.

Em (7a), ocorrem dois eventos de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, cujos objetos transferidos são, respectivamente, SHOW e FLORES. Em (7b), o objeto transferido (metaforicamente) é BOLA. Logicamente, os *frames* dos quais a ação de transferência faz parte, em 7a e 7b, apresentam outras perspectivas para valor.

Muitas vezes é difícil identificar os papéis que integram um *frame* por se confundirem com informações de fundo ou com eventos em si. Essa dificuldade pode ser demonstrada pelo *frame* MORRER, ilustrado pela figura 2.

Figura 2: *Frame* MORRER



Fonte: elaborada pelo autor.

Dentro do *frame* MORRER, o *frame* CICLO DA VIDA inclui dois *frames* diferentes: CAUSA-EFEITO e TRANSFORMAÇÃO. O *frame* CAUSA-EFEITO inclui os *frames* CAUSA DA MORTE e ORGANISMO. O *frame* MORRER orienta os tipos de conexão entre os *frames* incluídos: o *frame* CAUSA DA MORTE, por exemplo, precisa estar vinculado diretamente ao *frame* TRANSFORMAÇÃO do ORGANISMO (do estado VIVO para o estado MORTO).

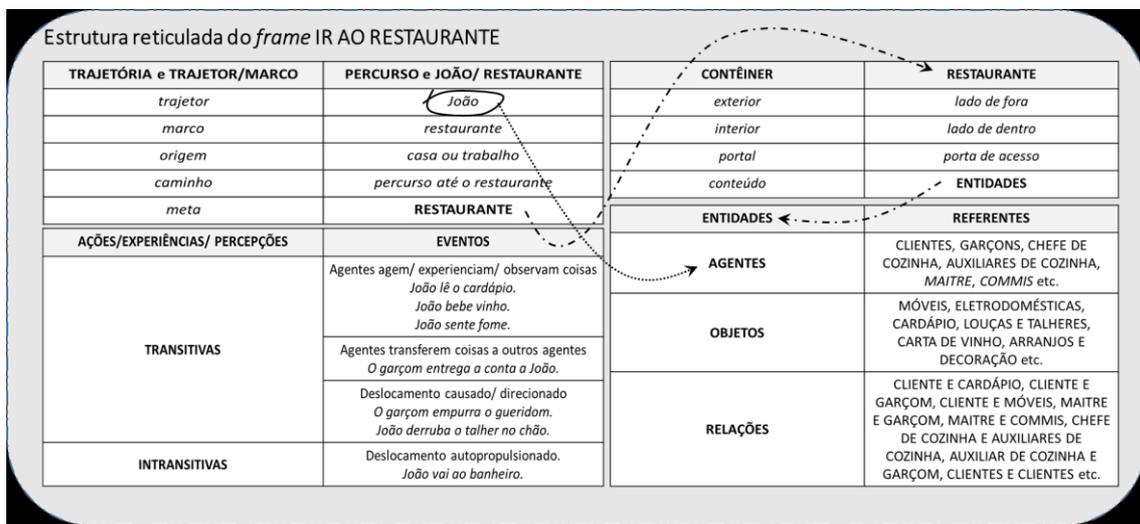
Quanto à complexidade, *frames* podem ser extremamente simples, contendo poucos papéis e poucas relações entre esses papéis, como é o caso dos esquemas imagéticos (esquema-I) de relações espaciais básicas (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987). Esquemas-I podem ser evocados por muitas preposições e locuções prepositivas (ver DUQUE, 2014), como atestam os exemplos em (8).

- (8) a. O lençol sobre a cama.

- b. A sandália sob a cama.
- c. O tapete ao lado da cama.
- d. A TV em frente à cama.
- e. A parede atrás da cabeceira da cama.

Um conjunto de *frames* simples, como os de relação no espaço, exemplificados em (8), integra *frames* mais complexos. Nesse caso, o *frame* apresenta vários papéis, relações e eventos, normalmente em ordem cronológica (como é o caso do *frame* IR-AO-RESTAURANTE, figura 3). *Frames* complexos que estruturam eventos cronologicamente são denominados de roteiros (veremos na seção seguinte).

Figura 3: Frame IR-AO-RESTAURANTE



Fonte: elaborada pelo autor.

A figura 3 apresenta alguns constructos que integram a estrutura reticulada do *frame* complexo IR-AO-RESTAURANTE. No exemplo, a integração entre *frames* mais simples por meio da ligação entre seus papéis produz *frames* mais complexos como eventos (*frames* descritores de eventos), que justapostos cronologicamente formam roteiros, como a sequência em (9).

- (9) a. João entrou no restaurante.
- b. João sentou-se à mesa
- c. João solicitou o cardápio ao garçom
- d. João escolheu o prato
- e. João almoçou
- f. João pediu a conta ao garçom.
- g. João pagou a conta.
- h. João saiu do restaurante.

TIPOS DE *FRAMES*

Muitos critérios podem ser considerados na categorização dos *frames*, como grau de complexidade, domínio a que pertence (p. ex.: sociedade, política, religião etc.), tipo de expressão linguística a que está associado (categoria gramatical, estrutura gramatical etc.) ou grau de especificidade (ou de universalidade) cultural. A proposta de classificação a seguir foi pensada em termos de possíveis perspectivas a serem adotadas numa análise do discurso baseada em *frames*.

a. *Frames* Conceptuais Básicos

Frames Conceptuais Básicos são *frames* associados diretamente a itens ou expressões lexicais individuais (basicamente, este é o tipo de *frame* apresentado na Semântica de *Frames*, de Fillmore). Os papéis desses *frames* são interconectados tão fortemente que cada conceito específico só pode ser definido em relação ao *frame* completo.

Da perspectiva conceptual básica, palavras como “comprar” e “vender” estão associadas a eventos específicos do *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL¹³; a palavra “morte” está associada a um estado no *frame* MORRER; a palavra “quebrado” está associada a um resultado no *frame* QUEBRAR; a palavra “mãe” está associada a um papel do *frame* FAMÍLIA; e as palavras “restaurante”, “conta” e “garçom” estão associadas respectivamente ao cenário, a entidades do *frame* IR-AO-RESTAURANTE.

Em termos da construção incremental do sentido no discurso, o fato de palavras simples evocarem *frames* completos promove simulações mentais detalhadas, sem que seja necessário apresentar um conjunto exaustivo de itens e expressões lexicais, como em (10).

(10) Era José Dias que me convidava a fechar o ataúde. Fechamo-lo, e eu peguei numa das argolas (MACHADO DE ASSIS, 2009 [1899] p. 232).

Em (10), o item lexical “ataúde” aciona o *frame* VELÓRIO com seu cenário, participantes, roteiros etc. Sabemos que se trata de uma cerimônia fúnebre em que o falecido é exposto para que parentes, amigos e admiradores possam honrar a sua memória antes do sepultamento; que o fechamento do ataúde ocorre pouco antes do sepultamento; que a palavra “argolas” está associada ao referente já ativado pela palavra “ataúde” e que a ação de pegar a argola evoca o evento CORTEJO-FÚNEBRE.

b. *Frames* interacionais

De acordo com Fillmore (1976), existe um tipo de *frame* associado à comunicação, que ele denomina de *frame* interacional. Esse tipo de *frame* cobre a conceptualização de uma situação factual de comunicação entre o falante e o ouvinte ou entre o escritor e o leitor.

¹³ Inúmeras outras palavras podem ser associadas ao *frame* TRANSAÇÃO-COMERCIAL, como, por exemplo, “comprar”, “vender”, “comprador”, “vendedor”, “valor”, “gasto”, “custo”, “cobrar”, “mercadorias” e “preço” etc.

Frames interacionais incluem o conhecimento das intenções do falante/escritor e as rotinas dos eventos de fala, o que contribui para a compreensão do intercâmbio conversacional. Também inclui o conhecimento de categorias discursivas tais como contos, receitas e notícias. De acordo com Fillmore (1982, p.117), trata-se de um “[...] tipo de acionamento de *frame* igualmente importante¹⁴” (tradução nossa), apesar de receber pouca atenção dos estudiosos da semântica de *frames* e da gramática de construção.

Muitas das estruturas narrativas discutidas por Lakoff (2008) se encaixam nessa categoria de *frame*. *Frames* interacionais orientam a nossa conduta e as nossas expectativas no discurso. Um exemplo citado por Lakoff, é o *frame* DEBATE-POLÍTICO, fundamentado nos clássicos programas de debate na TV e no rádio. Esse *frame* contém dois ou mais DEBATEDORES, de visões antagônicas sobre um determinado assunto, que a cada troca de turno fornecem suas respectivas OPINIÕES enquanto tentam invalidar os ARGUMENTOS um do outro. O debate é orientado por um MODERADOR, que normalmente fica localizado entre os debatedores oponentes. O DEBATE-TELEVISIVO é normalmente estruturado em uma sequência de ASSUNTOS, cuja progressão é orientada pelo moderador.

c. Esquema Imagético

Como mencionamos anteriormente, um esquema-I é um *frame* extremamente simples e muito básico. Os esquemas-I estão envolvidos em relações espaciais básicas, tais como as expressas por preposições. As experiências sensoriais, associadas aos esquemas-I, devem ser vistas como Gestalts – dimensões autônomas constituídas por experiências perceptuais detalhadas.

No quadro 2, apresentamos alguns esquemas-I, experiências corporais nas quais eles se fundamentam, seus papéis constitutivos e a lógica construída a partir deles.

Quadro 2: Caracterização de esquemas-I

ESQUEMAS-I	EXPERIÊNCIA CORPORAL BÁSICA	PAPÉIS ENVOLVIDOS	LÓGICA EMERGENTE
CONTÊINER e LIGAÇÃO CONTEÚDO-CONTINENTE	Expericiamos nossos corpos de duas maneiras diferentes: 1, como recipientes limitados pela pele, com portais (boca, nariz, ouvido etc.) e 2, como entidades que ocupam espaços limitados, como restaurantes, por exemplo.	<i>interior</i> <i>limites</i> <i>exterior</i> <i>portal</i> <i>conteúdo</i>	Toda e qualquer coisa sempre está ou dentro ou fora de um recipiente. Se o recipiente B está dentro do recipiente C, e A está dentro do recipiente B, então A está dentro de C também. Muitos conceitos podem ser emulados na base do esquema-I CONTÊINER, como SOCIEDADE, CASAMENTO, FAMÍLIA etc. “margens da sociedade” “fora do casamento” “entrar para a família” A ligação CONTEÚDO-CONTINENTE estabelece uma relação de inclusão e pertinência de classe. “excluídos da sociedade” “inclusão escolar” “pertencer ao grupo” O acúmulo de unidades no CONTÊINER produz a noção de QUANTIDADE e MASSA.
LIGAÇÃO PARTE-TODO	Somos seres inteiros cujas partes podem ser identificadas. Assim,	<i>todo</i> <i>partes</i>	A relação parte/todo é assimétrica, uma vez que se A é parte de B, então B não pode ser

¹⁴ “[...] equally important kind of framing” (FILLMORE, 1982, p. 117).

	<p>experienciamos nossos corpos como TODOS com PARTES. Nosso nível básico de percepção distingue a estrutura fundamental parte-todo de que necessitamos para interagir no/com o espaço.</p>	<p><i>configuração</i></p>	<p>parte de A. Não pode ocorrer o todo sem as partes, mas podemos realçar partes específicas do todo. Só existe o todo se as partes estiverem em uma CONFIGURAÇÃO. Conceitos como SOCIEDADE, CASAMENTO, FAMÍLIA etc. também podem ser emulados na base do esquema-I PARTE-TODO. O conceito geral de estrutura, em si, é esquematizado como PARTE-TODO. “a sociedade como um todo” “faz parte do casamento” “membro da família” A ligação PARTE-TODO estabelece uma relação de estruturação de um todo. “o respeito é uma peça fundamental do casamento” “família unida”</p>
<p>LIGAÇÃO CENTRO-PERIFERIA</p>	<p>Experienciamos nossos corpos como tendo centro (o tronco e órgãos internos) e periferias (dedos, pele, unhas). O espaço também é concebido em termos de CENTRO-PERIFERIA.</p>	<p><i>centro periferia</i></p>	<p>A periferia depende do centro, não o contrário; as teorias apresentam princípios centrais e periféricos; o importante é entendido como central. “o alvo da nossa ação” “morar nas redondezas” “som da periferia” A ligação entre centro e periferia justapõe elementos em radicalidade. “falar com o responsável” “ir direto ao ponto” O esquema ESCALA é emulado na ligação CENTRO-PERIFERIA</p>
<p>TRAJETÓRIA e LIGAÇÃO ENTRE OS PONTOS DA TRAJETÓRIA</p>	<p>Cada movimento pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada, uma sequência contínua de espaços que conectam os pontos em uma direção.</p>	<p><i>origem meta pontos intermediários direção</i></p>	<p>Se um corpo se desloca de uma origem a um destino ao longo de um percurso, deve passar por cada ponto intermediário do referido percurso. (cf.: Paradoxo de Zenão). “entrar na sala” “sair de casa” “passar pela praça” Objetivos são emulados nas metas. Atingir um objetivo é entendido como percorrer uma trajetória, passando por pontos intermediários, até chegar ao destino. “objetivo geral e objetivos específicos de uma dissertação” A ligação entre pontos intermediários estabelece as noções de contiguidade e causalidade presente em eventos complexos. “redigir o e-mail” e “enviar o e-mail” Se origem e meta se sobrepõem, temos um CICLO. A integração entre TRAJETÓRIA e QUANTIDADE produz a noção de VERTICALIDADE.</p>
<p>LIGAÇÃO TRAJETOR-MARCO</p>	<p>Experienciamos nossos corpos em movimento no espaço. Vemos entidades se moverem de um ponto a outro no espaço.</p>	<p><i>trajetor marco</i></p>	<p>O trajetor se desloca em relação a um marco. O trajetor é mais dinâmico que o marco (normalmente fixo). “Mônica foi para casa” “Ana passou pelo Jardim Botânico” Além de estabelecer a relação entre agente e espaço, ligações TRAJETOR-MARCO podem relacionar um agente e um objeto. “marceneiro” e “madeira” (serrar) “professor” e “exercício” (corrigir) A relação figura/fundo é emulada nesse esquema-I.</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

d. *Frames* de domínio-específico

Certos conceitos são evocados por *frames* de domínios conceptuais bem específicos (justiça, religião, política partidária, economia etc.). Esses *frames* muitas vezes conflitam com *frames* convencionais. Por exemplo, “assassino” e “inocente” orientam uma construção de sentido específica no domínio da justiça. Nesse domínio, há uma diferença fundamental entre HOMICÍDIO-DOLOSO (matar alguém com a intenção de matar) e HOMICÍDIO-CULPOSO (matar alguém, mas sem a intenção de matar). Nesse domínio, noções como INOCENTE e CULPADO são perfiladas num *frame* de JULGAMENTO em que pessoas podem ser inocentes mesmo que tenham matado alguém. Fora desse domínio, normalmente as pessoas acionam o *frame* ENVOLVIMENTO NO CRIME e este *frame* não apresenta o papel *intenção do homicida* na sua estrutura.

e. *Frames* sociais (cenários e categorização social)

Frames sociais orientam o nosso comportamento e as nossas expectativas sociais. Podem ser *frames* bem simples, como FAMÍLIA, e complexos, como é o caso de instituições como ESCOLA, GOVERNO e IGREJA. Normalmente, por ser o nosso primeiro *frame* social, o *frame* FAMÍLIA serve de modelo para os demais *frames* sociais. Nesse sentido, é comum realizarmos o mapeamento metafórico entre os papéis que compõem o *frame* FAMÍLIA e os papéis que compõem outros *frames* sociais¹⁵.

Ao projetarmos o papel *padre*, do *frame* IGREJA, a partir do papel *pai*, do *frame* FAMÍLIA, por exemplo, transferimos também os atributos estabelecidos culturalmente para este papel, ou seja, o pai que distingue o certo do errado; o pai como autoridade máxima e que deve ser mantida; o pai que protege e dá apoio; o pai que pune por desobediência; o pai que exige disciplina; o pai que ensina o filho a ser responsável pelos seus próprios atos e a lutar para satisfazer seus próprios interesses. E essa transferência é evidenciada em (11).

(11) O padre é o pai da comunidade. Aquele que acolhe, ouve, aconselha, orienta, adverte, corrige, quando necessário e alimenta de esperança os fiéis¹⁶.

Frames sociais também consideram a estereotipia como uma forma de evocar pessoas ou grupos, através da idealização dos atributos de uma categoria. Dessa forma, por meio da generalização, comportamentos, aparências, graus de conhecimento etc. passam a preencher, de forma padronizada, os papéis desses *frames*, como podemos constatar em (12).

(12) Como uma loira mata um peixe? R: Ela o afoga¹⁷.

Em (12), ocorre um choque em relação ao que conhecemos de mais básico sobre peixes (que eles vivem na água) e a ação executada pela protagonista. Esse

¹⁵ Acredito que isso explique o interesse de alguns na manutenção da estrutura tradicional da família.

¹⁶ Extraído de http://www.bsaembare.com.br/gallery_sub_article.asp?codigo=219&status=11, consulta realizada em 1/11/2014, às 19h24min.

¹⁷ Extraído de <http://www.piadasnet.com/piada1045loiras.htm>, consulta realizada em 1/11/2014, às 19h41min.

choque produz a inferência de um estereótipo: o de que mulheres loiras são totalmente ignorantes¹⁸.

f. *Frames* descritores de eventos

O *frame* descritor de evento contém papéis e relações estáticas e dinâmicas como eventos, estados e mudanças de estados. O *frame* QUEBRAR e o *frame* MORRER, por exemplo, são descritores de eventos que participam da construção de roteiros (item 4). *Frames* descritores de eventos apresentam os seguintes papéis:

- Tipo do evento: vinculado ao processo que ativa a cena descrita. Esse papel é preenchido por uma estrutura argumental¹⁹;
- Esquema-X (esquema de ação): vinculado à estrutura argumental. Esse papel fornece elementos que preencham os argumentos da estrutura. Em uma estrutura X TRANSFERE Y PARA Z, por exemplo, o Esquema-X VENDER exige os elementos VENDEDOR, MERCADORIA, COMPRADOR como X, Y e Z, respectivamente. Já o esquema-X CHUTAR fornece os elementos CHUTADOR, OBJETO CHUTADO, RECEPTOR como X, Y e Z, respectivamente;
- Participantes: vinculados aos elementos do processo (por exemplo: o VENDEDOR, a MERCADORIA e o COMPRADOR, de VENDER). Esse papel fornece as entidades em destaque (personagens, objetos etc.) na cena: por exemplo, em “Maria vendeu todas as rifas”, VENDEDOR: MARIA, MERCADORIA: RIFAS, COMPRADOR: [DEFAULT²⁰];
- Ajustes temporais e espaciais: vinculados ao tempo e ao espaço da cena, respectivamente. Esse papel fornece o instante (ou a época) e um cenário para a encenação (ou enação). Normalmente, esses ajustes são acionados por expressões como: “Na segunda-feira”, “Naquele dia”, “No circo” etc.²¹;
- Segmento discursivo associado a um *frame* interacional simplificado, com papéis *ato de fala* e *tópico* (assunto, tema) do enunciado. O papel *ato de fala* pode ser preenchido por um valor simples como “declarativo” ou “interrogativo QU-”, por exemplo.

No quadro 2, apresentamos a estrutura ontológica de um evento, os esquemas imagéticos que o configuram e os tipos de construção linguística que essas configurações produzem.

¹⁸ Não se trata aqui de um caso de quebra de expectativa comum, uma vez que o estereótipo em si fornece a expectativa de que a resposta vá reforçar o estereótipo de que mulheres loiras são ignorantes. O elemento surpresa talvez seja a forma específica como o estereótipo é reforçado. É provável que, para os membros da categoria MULHERES-LOIRAS, a estereotipia em si bloqueie a sensação de humor.

¹⁹ Alguns subtipos da estrutura argumental são exemplificados na figura 3, no primeiro bloco inferior.

²⁰ Tendo em vista que o participante não é revelado, realizamos um preenchimento predefinido (default): Na cena de TRANSAÇÃO COMERCIAL em tela, o COMPRADOR não foi especificado, mas sabemos que ele existe.

²¹ O ESPAÇO (e a sua projeção metafórica TEMPO) é experienciado basicamente como um CONTÊINER. O indexador linguístico prototípico de acionamento deste esquema-I é a preposição ‘em’ (para aprofundamento, ver BERGEN; CHANG, 2000).

Quadro 3: Configuração e tipologia de eventos e estados

	ONTOLOGIA	ESQUEMAS-I MAIS RELEVANTES	TIPOS
EVENTO	AÇÃO/ EXPERIÊNCIA/ PERCEPÇÃO DESLOCAMENTO	TRAJETOR (agente e/ou entidade), TRAJETÓRIA e CONTÊINER (marco)	MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO
			MOVIMENTO CAUSADO
			TRANSFORMAÇÃO (EMULADO DE MOVIMENTO)
		TRAJETOR (agente)/MARCO (entidade)	TRANSITIVIDADE
		TRAJETOR/ENTIDADE/TRAJETÓRIA/ CONTÊINER (meta)	TRANSFERÊNCIA
ESTADO, LOCALIZAÇÃO CATEGORIZAÇÃO	ATRIBUTOS ENTIDADES	LIGAÇÃO CONTEÚDO-CONTINENTE	INCLUSÃO DE CLASSE
		LIGAÇÃO PARTE-TODO	ATRIBUIÇÃO DE TRAÇOS
		LIGAÇÃO CENTRO-PERIFERIA	PROTOTIPICIDADE
		LIGAÇÃO ENTRE PONTOS DE UMA TRAJETÓRIA	CAUSA-CONSEQUÊNCIA

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 3, há três configurações básicas de eventos:

a) Deslocamento de uma entidade (o trajetor) em relação a um ponto de referência (o marco), partindo de um ponto de origem (origem) até um ponto de chegada (meta) (13a). Podem ser focalizadas a causa do movimento (13b), ou a causa e o movimento ao mesmo tempo (13c). O deslocamento pode ser emulado metaforicamente em transformação (13d).

- (13) a. João vai ao banheiro.
b. O garçom empurra o guêrdom.
c. O garçom empurra o guêrdom até a mesa do cliente.
d. O dia virou noite (TEMPO É ESPAÇO)

b) A ação de um trajetor sobre uma entidade (marco) (14a), a percepção de uma entidade (marco) pelo trajetor (14b) e a experiencição de uma entidade (marco) pelo trajetor 14c).

- (14) a. João bebe vinho.
b. João lê o cardápio (processo mental)
c. João sentiu o aroma do peixe (processo sensorial).

c) A inclusão de classe (15), a atribuição de traços (16), a categorização por protótipo (17a) e hierarquização de categorias (17b) e a relação causa-consequência (18).

- (15) João é um empresário.
(16) João é alto.
(17) a. João parece um professor.
b. João parece um professor do primário.
(18) Eu me atrasei por causa do trânsito.

Quanto ao papel dos eventos em narrativas, de acordo com (LAKOFF, 2008, p. 23), “os eventos são coisas boas e ruins que acontecem. E há emoções apropriadas que encaixam determinados tipos de eventos nos cenários”²² (tradução nossa). Para o autor, tendo em vista que narrativas são casos especiais de *frames*, elas podem ser sobre indivíduos específicos (p. ex.: João), sobre tipos de pessoas (p. ex.: garçons), ou sobre pessoas em geral.

g. *Frames*-roteiro

Roteiros são *frames* complexos que normalmente contém vários papéis e ordenam eventos cronologicamente. São estruturas de conhecimento que delineiam como os eventos do dia-a-dia se desdobram. São esses *frames* que organizam algoritmicamente o nosso conhecimento sobre procedimentos. Sequências de ações que caracterizam eventos experienciados com frequência guiam nossas expectativas e formatam comportamentos em situações cotidianas.

Em outras palavras, a experiência recorrente de um determinado evento pode criar um molde internalizado da provável sequência de ações, participantes e entidades dentro da situação experienciada. Por nos guiar na elaboração de inferências sobre os eventos seguintes, quebras de expectativa são compensadas com sensações de humor, ansiedade, tristeza etc.

h. *Frames*-culturais

Um modelo cultural é um *frame* específico de uma dada cultura. Cumpre esclarecer que, com exceção dos esquemas-I, todos os demais tipos de *frames* apresentados aqui passam por uma espécie de filtro cultural.

Quadro 4: Aplicação do filtro cultural

Tipos de <i>frames</i>	Filtro do <i>frame</i> -cultural
Esquemas-I	Diferentes perfis de um mesmo esquema-I tendem a ser focalizados em diferentes culturas.
<i>Frames</i> Conceptuais Básicos	O mesmo item lexical pode acionar <i>frames</i> (ou partes de <i>frames</i>) distintos em diferentes culturas.
<i>Frames</i> Interacionais	Regras de interação variam de cultura para cultura.
<i>Frames</i> -roteiro	A forma como eventos são organizados pode variar culturalmente, inclusive, afetando a noção de expectativa.
<i>Frames</i> -eventos	A maneira como concebemos os eventos pode variar de cultura para cultura.
<i>Frames</i> de domínio específico	Domínios específicos variam de cultura para cultura.
<i>Frames</i> -sociais	Comportamentos sociais são orientados mais diretamente pela cultura.

Fonte: elaborado pelo autor.

MECANISMOS DE LIGAÇÃO DE *FRAMES*

Com base no que vimos até aqui, é possível depreendermos quatro mecanismos básicos de ligação de *frames* durante o processo de construção do sentido:

²² “The events are good and bad things that happen. And there are appropriate emotions that fit certain kinds of events in the scenarios”. (LAKOFF, 2008, p. 23)

a. Constituição - *frames* complexos são estruturados por *frames* mais simples que, por sua vez, são estruturados por *frames* ainda mais simples, até chegar a *frames* espaciais mais básicos (esquemas-I). Vejamos o exemplo (18).

(19) Haddad entrou no gabinete do presidente Lula²³.

O evento apresentado em (19) inclui, pelo menos, quatro esquemas-I: o esquema-I TRAJETÓRIA (percurso realizado pelo *trajetor*), o esquema-I CONTÊINER (gabinete) o esquema-I TRAJETOR-MARCO (*Trajetor* = REFERENTE = HADDAD; *marco* = GABINETE DO PRESIDENTE LULA) e LIGAÇÃO (Presidente Lula e gabinete, relação de pertinência). Cumpre ressaltar que, em (18), os papéis do evento instanciam outros *frames*: o papel DESLOCADOR é perfilado por HADDAD, um *frame* conceptual básico, que nos remete a outros *frames* conceptuais básicos: MINISTÉRIO-DA-EDUCAÇÃO, PARTIDO-DOS-TRABALHADORES, ELEIÇÕES-2012, PREFEITURA-DE-SÃO-PAULO etc. No caso da constituição, a ligação entre os *frames* em si é orientada pelo esquema-I TODO-PARTE, de acordo com o qual, partes interligadas configuram um todo estruturado.

b. Subcategorização - *frames* são organizados em hierarquias e cada nível de inclusão é induzido por uma relação de subcaso entre um *frame* e sua estrutura mais genérica (ou o conjunto dessas estruturas). Em (19), por exemplo, GABINETE-DO-RESIDENTE LULA é um tipo de GABINETE que, por sua vez, é um tipo de CÔMODO que, por sua vez, é um tipo CENÁRIO que, por sua vez, se configura basicamente como um CONTÊINER. Sendo assim, os papéis de CONTÊINER (*interior, exterior, portal, limites, conteúdo*) são herdados por CENÁRIO, por CÔMODO, por GABINETE e, enfim, por GABINETE-DO-PRESIDENTE-LULA. À medida que o nível de categorização se torna mais subordinado, os papéis vão sendo preenchidos (*portal* = porta, *limites* = paredes, *exterior* = corredor/ sala de espera, *interior* = espaço ocupado pelo presidente da república).

c. Evocação - *frames* podem evocar instâncias de outros *frames* sem que isso implique em qualquer relação de herança ou constituição. Essa subespecificação fornece a flexibilidade necessária para a construção de especificações semânticas. Há uma quantidade infinita de estruturas constituintes e de subcategorizações possíveis em (19). Sendo assim, apenas focalizamos as estruturas e os papéis relevantes para a construção do sentido e evocamos estruturas e papéis menos relevantes quando necessário. Nesse sentido, normalmente um *frame* se destaca de um conjunto de *frames* de fundo, que podem ser evocados em qualquer parte do discurso.

A relevância da evocação fica evidente em narrativas que utilizam estratégias de reviravolta em seu enredo, como *in media res* (a história começa pela metade e o leitor não tem acesso aos eventos anteriores), “a arma de Chekhov”²⁴ (cada elemento de

²³ Extraído de <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/67854-criador-amp-criatura.shtml>>, em 5/11/2014, às 18h46min.

²⁴ Refere-se à afirmação do dramaturgo Anton Chekhov: “Remove everything that has no relevance to the story. If you say in the first chapter that there is a rifle hanging on the wall, in the second or third chapter it absolutely must go off. If it's not going to be fired, it shouldn't be hanging there” (CHEKHOV citado por HOWSE, 2002, p. 201, em epígrafe). [Remova tudo o que não tem relevância para a história. Se você

uma narrativa é necessário e insubstituível, e tudo o mais deve ser removido) e *anagnorisis* (revelação da verdadeira identidade de uma personagem).

d. Unificação – trata-se da etapa discursiva da construção do sentido em que os papéis que integram um *frame* são preenchidos por elementos do contexto situacional ou discursivo anterior.

FRAME E DISCURSO

Vimos que *frames* podem ser categorizados, considerando-se diferentes critérios. Optei por considerar aspectos que, no meu entendimento, têm relação com a construção do sentido e a estruturação do discurso. Identifiquei, assim, 8 categorias que parecem sustentar desde especificações semânticas iniciais, produzidas pelo acionamento de *frames* mais básicos (esquemas-I) até especificações semânticas contextualmente resolvidas, produzidas pelo acionamento de *frames* discursivos (linguagem e interação) e situacionais (roteiros, domínios específicos, eventos, cultura e sociedade). *Frames* são acionados no/pelo discurso de várias maneiras, mas vou reduzi-las a apenas duas: o discurso pode estar ancorado em *frames* ou *frames* podem estar ancorados no discurso.

a. Discurso ancorado em *frames*

O discurso em si se ancora em muitos *frames*. Vimos na seção anterior que as convenções da linguagem e dos discursos configuram *frames* interacionais, logo, esta configuração pode ser vista como um mecanismo de os *frames* se relacionarem com o discurso. Por outro lado, também nos baseamos em *frames* conceptuais quando nos comunicamos. Muitas vezes, falantes/ escritores pressupõem que seus ouvintes/leitores podem acessar a informação através de *frames* que foram sendo acionados no decorrer do discurso e, por isso, acabam não explicitando muitas informações.

Histórias normalmente apresentam um conjunto de artigos definidos sugerindo que determinadas informações são conhecidas do ouvinte/leitor, apesar de não terem sido mencionadas. Esses pressupostos, necessários à compreensão, são construídos a partir dos *frames*. Tanto *frames* complexos, como em (20), quanto *frames* simples, como em (21), podem ser implementados desse jeito.

(20) Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito (FONSECA, 1979, p. 165).

(21) Por que a galinha atravessa a rua? Para chegar ao outro lado.

Em (20), constatamos que, para a compreensão do trecho, é necessário o acionamento dos diversos tipos de *frames* apresentados neste artigo: itens lexicais que orientam a construção do cenário, a sequência de eventos configurando um roteiro etc.

diz no primeiro capítulo que há um rifle pendurado na parede, no segundo ou terceiro capítulo é absolutamente necessário dispará-lo. Se ele não vai ser disparado, não deve ser pendurado] (tradução nossa).

Em (21), por sua vez, o esquema-I TRAJETÓRIA e seus papéis *trajetor*, *marco*, *origem*, *percurso* e *meta* favorecem a especificação semântica de que “outro lado” está associado à meta do trajetor. O item linguístico “atravessa” aciona o evento ATRAVESSAR, que exige um ATRAVESSADOR, no caso, o *trajetor* “a galinha” e o que vai ser ATRAVESSADO, no caso “a rua”. Ora, o *frame* conceptual básico acionado por “rua” inclui também a noção de que ruas possuem dois lados.

b. *Frames* ancorados no discurso/na linguagem

O discurso fornece meios primários para o acionamento de *frames*, de duas formas: por meio do léxico e por meio de projeções metafóricas.

1. Acionamento de *frames* por meio do léxico

A mera escolha de uma palavra específica para expressar algo é um jeito efetivo de acionar *frames*, como em (22), (23) e (24).

(22) Ele é econômico vs. ele é avarento

(23) Você está me acusando de roubo? vs. Eu estou apenas sugerindo que você pode ter acidentalmente colocado o celular em sua bolsa.

(24) América, pare de assassinar nossas crianças não-nascidas! vs. A comunidade religiosa tem ideias diferentes sobre a definição de “pessoa” ou quando o aborto é moralmente justificado. Na corte canadense, no entanto não se verificou se o feto é uma pessoa com direitos legais.

2. Acionamento de *frames* por meio da metáfora

Ao admitir que a metáfora é um dispositivo de acionamento de *frame*, outras coisas também têm de ser acatadas: que metáforas ocorrem na linguagem cotidiana, não só na literatura e na poesia; e que pensamentos em metáforas. Uma metáfora é a conceptualização de alguma coisa em termos de outra coisa. Vemos um exemplo, a expressão “aliviar impostos” aciona um mapeamento metafórico em que imposto é conceptualizado como um peso porque o *frame* ALÍVIO foi metaforicamente mapeado com o *frame* TRIBUTAÇÃO (Quadro 5).

Quadro 5: Mapeamento metafórico IMPOSTO É DOR/AFLIÇÃO/PESO

<i>Frame</i> fonte	<i>Frame</i> alvo
DOR/AFLIÇÃO/PESO	IMPOSTO
VÍTIMA	CIDADÃO
ALÍVIO	REDUÇÃO DA TAXA DE IMPOSTO
BENFEITOR	GOVERNO

Fonte: elaborado pelo autor.

Essas são (algumas das) correspondências ontológicas²⁵ nessa metáfora. Além disso, mapeamentos metafóricos envolvem correspondências epistêmicas²⁶. No quadro

²⁵ Correspondências ontológicas são correspondências entre os papéis de dois *frames*, ou domínios.

²⁶ Correspondências entre relações nos respectivos *frames*.

6, são apresentadas (algumas das) correspondências epistêmicas na metáfora ALIVIAR OS IMPOSTOS.

Quadro 6: Correspondências epistêmicas na metáfora ALIVIAR-IMPOSTOS

Um vilão, ou uma circunstância infeliz, impõe uma dor/um peso/uma aflição sobre a vítima.	Taxas são impostas sobre o cidadão.
A vítima sofre devido ao peso/à aflição.	Os cidadãos pagam impostos.
A vítima é cerceada da sua liberdade pelo peso/pela aflição.	A economia dos cidadãos permite menos consumo do que antes do imposto.
A dor/ o peso/a aflição é removido (a).	Os impostos são reduzidos.
A vítima está livre da dor/ do peso/ da aflição.	Os cidadãos pagam menos impostos que antes.
A dor/ o peso/ a aflição é removida (o) por um benfeitor.	Os impostos são reduzidos pelo governo.

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com Lakoff (2008), mapeamentos metafóricos construídos deliberadamente normalmente provocam o acionamento de *frames* que orientam visões de mundo e acabam produzindo consequências políticas, sociais e comportamentais muito profundas. Este tipo de acionamento é um mecanismo comum de o discurso acionar *frames* conceptuais básicos. Segundo o autor, *frames* morais, os mais altos na hierarquia dos *frames* no domínio da política, são construídos por meio de metáforas envolvendo o *frame* social FAMÍLIA.

O DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DA SITUACIONALIDADE

De acordo com Zwaan e Radvanski (1998), por meio do discurso, construímos a situacionalidade. Nesse sentido, ao lermos ou ouvirmos histórias, simulamos mentalmente eventos, cenas e cenários, assumindo as perspectivas de tempo e de espaço das personagens. Assumimos também, seus objetivos e esforços na resolução de problemas que as impedem de atingir objetivos. De acordo com Rapaport *et al* (1994) e Rapaport *et al* (1995), adotamos o espaço (ONDE), o tempo (QUANDO) e os sentidos da personagem e de quem nos conta a história (QUEM) como uma espécie de centro dêitico da nossa própria percepção, ação e emoção.

a. Discurso e categorização

Frames interacionais construídos no/ pelo discurso exigem a (re) elaboração de conceitos através de processos de categorização. De acordo com Duque (2002),

A categorização é uma atividade mental manifesta na linguagem relacionada com a comunicação e com a compreensão linguística. Os sujeitos podem se comunicar à medida que compartilhem as mesmas distinções semânticas e as mesmas concepções do mundo. (DUQUE, 2002, p. 92).

Sendo assim, durante o acionamento de *frames* interacionais, a decisão sobre a pertinência (inclusão ou exclusão) de referentes em categorias não pode ser problemática. Nesse sentido, durante o desenvolvimento do discurso, é necessária a apresentação dos atributos das entidades focalizadas, como em (25).

(25) Os profissionais precisam ter competências que sejam canalizadas para a geração de negócios para a empresa. São pré-requisitos: agilidade, coletividade e capacidade de gerar valor agregado ao produto. O profissional hoje precisa ser multifuncional, ter habilidade para trabalhar em equipe e ter uma série de atitudes resultantes de uma vertente ética pesada²⁷.

Em (25), o autor orienta a construção do conceito PROFSSIONAL por meio da enumeração de atributos, mas muitas vezes a categorização é realizada do ponto de vista da hierarquização da categoria em foco, como em (26).

(26) Cervo-do-pantanal (nome científico: *Blastocerus dichotomus*), também chamado suaçuetê, suaçupu, suaçuapara, guaçuapuçu ou simplesmente cervo, é um mamífero ruminante da família dos cervídeos e único representante do gênero *Blastocerus*.. Fonte: (Wikipédia)

Em (26), em vez de se (re) definirem atributos de uma dada categoria, ocorre a inserção do membro (CERVO-DO-PANTANAL) em categorias já estabelecidas (MAMÍFERO RUMINANTE/ CERVÍDEO/ BLASTOCERUS). No entanto, às vezes, o processo de categorização não é tão fácil: pode exigir um esforço maior, como em (27).

- (27) a. evolucionismo vs criogênese
- b. ciência vs. religião
- c. o que é família?
- d. maioria penal

- b. Discurso, eventos e roteiros

Muitas vezes, o discurso está voltado para a construção de eventos e roteiros. Ou através do arranjo dos eventos em sequência cronológica, da perspectiva do autor da história ou de uma 3ª pessoa, como em (28).

(28) Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa. Os amantes moraram no Estácio, Rocha... (BANDEIRA, 1998 [1933]).

Ou através do arranjo dos eventos em sequência cronológica, em 2ª pessoa, como em (29).

(29) 1º passo: Veja se a tomada onde o produto será instalado tem o novo padrão plugue, segundo o INMETRO.

2º passo: Verifique se a tensão da rede elétrica no local de instalação é a mesma indicada na etiqueta do plugue da sua lavadora.

3º passo: Nunca altere ou use o cabo de força de maneira diferente da recomendada. Se o cabo de força estiver danificado, chame a Rede de Serviços Brastemp para substituí-lo (Manual de Instalação de Máquina de Lavar Brastemp).

²⁷ Extraído de < <http://www.youwilldobetter.com/2009/02/o-perfil-do-profissional-que-as-empresas-procuram-no-mercado/>>, em 2/11/2014, visto às 9h38min.

Apresento, no quadro 7, um resumo das tipologias discursivas apresentadas aqui: as relacionadas à categorização e as relacionadas à construção de eventos e roteiros.

Quadro 7: Tipologias discursivas

Foco	Categorização		
	Atribuição de traços	Inclusão de classes e prototipicidade	Causa-consequência
ENTIDADES e CENÁRIOS	Descrição	Definição	Argumentação
Foco	Contiguidade de eventos		
EVENTOS e ROTEIROS	Narração: Arranjo de uma sequência de eventos na qual o QUEM (perspectiva na 1ª ou 3ª pessoa) se desloca num determinado ONDE à medida que o QUANDO passa.		
	Injunção: Arranjo de uma sequência de ações que um QUEM (perspectivado na 2ª pessoa) precisa executar.		

Fonte: elaborado pelo autor.

ENFIM, O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DISCURSO

De acordo a proposta aqui delineada, o conhecimento linguístico é composto por um repositório de estruturas linguísticas simples e complexas responsáveis pelo acionamento de *frames* (dos mais básicos aos mais complexos). Esse processo é responsável pela construção de especificações semânticas.

Essas especificações semânticas iniciais passam por um processo de resolução contextual, ou seja, pelo preenchimento dos seus componentes semânticos por referentes disponíveis no contexto discursivo ou situacional. O processo de resolução contextual é o responsável pela simulação de eventos, ações, objetos, relações e estados em relação ao contexto corrente. As inferências produzidas pela simulação modelam os processamentos seguintes e/ou fornecem fundamentos para a criação de expectativas.

Cada mapeamento da resolução representa uma hipótese sobre as relações de identidade que prendem os elementos da especificação semântica ao contexto. O mapeamento da resolução é a função entre especificação semântica e contexto, isto é:

- a. Cada relação é uma ligação de uma instância do *frame* especificado semanticamente com um referente contextual;
- b. O mapeamento da especificação semântica só é resolvido se cada elemento da especificação semântica for conectado ao contexto. Se um desses elementos não for preenchido por um referente contextual, recebe um preenchimento (default).

Essa arquitetura de construção de sentido no discurso, baseada em *frames*, favorece o entendimento de que as estruturas linguísticas em si não suportam toda a carga inferencial sozinhas. Em vez disso, essas estruturas mínimas fornecem as informações necessárias para o acionamento de um conjunto de *frames* que levam às simulações mentais, em outras palavras, à ativação de estruturas sensorio-motoras no cérebro.

Essa divisão de tarefas (análise construcional e resolução contextual) reflete uma distinção fundamental entre as estruturas esquemáticas dos *frames*, diretamente associadas às estruturas linguísticas e as inferências resultantes do processo de resolução contextual dessas estruturas. Em linhas gerais, as estruturas linguísticas

forneem uma interface muito limitada, mas é através dessa interface que diferentes dispositivos exploram um mundo contínuo e multidimensional de movimentos e percepções.

Ao contrário dos exemplos artificialmente livres de contextos da análise linguística convencional, todos os enunciados têm suas raízes em um discurso contínuo e num determinado contexto situacional e, portanto, deve ser interpretado em conformidade com isso. Mesmo os textos de contextos aparentemente neutros (como manchetes de jornais, por exemplo) suportam hipóteses sobre interlocutores que estão localizados no tempo e no espaço.

CONCLUSÃO

Quando lemos ou ouvimos uma palavra, um *frame* é ativado no cérebro. O senso comum é simplesmente uma coleção de *frames* fixos que usamos para entender o que experienciamos e ouvimos. Há diferentes tipos e abordagens sobre *frames*. Neste artigo, lançamos mão de alguns desses tipos e abordagens de modo a configurarmos um conjunto de ferramentas que favoreça a análise de processos de construção de sentido no discurso. Apesar da existência de uma diversidade infinita de *frames* com que construímos sentido para o segmento ambiental em que vivemos, podemos organizá-los como Gestalts com diferentes papéis que estabelecem relações entre si e com outros *frames*. Na etapa inicial de construção do sentido, um conjunto de *frames* simples (esquemas-I) estrutura um *frame* mais complexo, a partir do qual, na segunda etapa, são produzidas simulações mentais de eventos, cenas e personagens.

A ideia aqui foi construir uma tipologia que nos auxiliasse na identificação precisa dos mecanismos de construção do sentido atuantes nas duas etapas e que nos fornecesse uma ferramenta de análise do discurso baseada em *frames*. Com isso, vimos que discursos podem estar ancorados em *frames* e *frames* podem estar ancorados no discurso. Nesse enquadre, itens linguísticos arranjados gramaticalmente e mapeamentos metafóricos provocam o acionamento de *frames* que orientam visões de mundo e produzem consequências políticas, sociais e comportamentais profundas.

É provável que um sociológico defenda que *frames* se localizam no espaço social e funcionam como lentes culturais que orientam e organizam o modo como pensamos e experienciamos o mundo e que cientistas da cognição defendam que *frames* se localizam em nossas mentes como estruturas que governam e organizam o modo como pensamos e experienciamos o mundo. De acordo com a proposta aqui defendida, ambos estão corretos, uma vez que *frames* se localizam na mente, mas, ao mesmo tempo, são compartilhados por membros de uma mesma cultura quando estes expressam seus conhecimentos, suas perspectivas e visões de mundo.

REFERÊNCIAS

DUQUE, P. H. Teoria dos protótipos: categoria e sentido lexical. – Segunda Parte. Rio de Janeiro. *Revista Philologus*, janeiro-março, ano 8, nº 22, pp. 62 - 81, 2002.

DUQUE, P. H. As construções linguísticas “para” e “para dentro de” e a simulação mental de espaço e movimento. Porto Alegre: Revista Digital Letrônica, v. 7, n 1, p. 298 – 324, jan./ jun., 2014.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem* / Estrela da manhã: edição crítica. LANCIANI, Giulia (coord.). São Paulo: ALLCA XX, 1998.

BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. Spatial schematicity of prepositions in neural grammar. *Fifth Conference on Conceptual Structure, Discourse, and Language*, Santa Barbara. May 2000.

FAUCONNIER, Gilles. Creativity, simulation, and conceptualization. *Behavioral and Brain Sciences*, v.22, n.4, p.615-615, 1999.

FELDMAN, Jerome A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge, Ma: Bradford MIT Press, 2006.

FILLMORE, Charles. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, Steven R.; STEKLIS, Horst D.; LANCASTER, Jane. (eds.) *Origins and evolution of language and speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976

FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames Semantics. In ZAMPOLLI, Antonio (ed.) *Linguistic Structure Processing*, 55 – 82. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 1977.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by The Linguistic Society of Korea, 111-137. Soeul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, Charles J; BAKER, Colin. A Frames Approach to Semantic Analysis. In HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (eds.), *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, pages 313-340, Oxford: Oxford University Press, 2010.

FISHER, Kimberly. *The Press and the Framing of Military Gender and Sexuality Policies in Britain and the United States*. PhD thesis: Department of Sociology, University of Essex, Wivenhoe Park, Colchester CO4 3SQ, United Kingdom, 1997.

FONSECA, Rubem. *O Cobrador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

HOWSE, Joseph. Open CV for Secret Agents. Birmingham: Packt Publishing, 2015 [epígrafe do Capítulo 6, p. 201].

JOHNSON, Mark *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

FISHER, Cynthia; GLEITMAN, Henry; GLEITMAN, Lila R. On the semantic content of sub categorization frames. *Cognitive Psychology*, 23, 331–392. 1991.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *The Political Mind: A Cognitive Scientist's Guide to your Brain and Politics*. Penguin, 2001.

LAKOFF, George. *The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century American Politics with an 18th-Century Brain*. New York: Viking, 2008.

LAKOFF, George; WEHLING, Elisabeth. *The Little Blue Book: The Essential Guide to Thinking and Talking Democratic*. Simon and Schuster, New York, 2012.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 2009 [1899].

MINSKY, Marvin. A Framework for Representing Knowledge. A. I. Memo 306, Cambridge, MA: *Artificial Intelligence Laboratory*, Massachusetts Institute of Technology, 1974.

MORATO, Edwiges. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n.41, p.93-113, 2010.

PETRUCK, Miriam R. L. Frame Semantics. In JAN-OLA ÖSTMAN, Jan; VERSCHUEREN, Chris; BLOMMAERT, Jan (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.

RAPAPORT, William; SEGAL, Erwin; SHAPIRO Stuart C.; ZUBIN, David A.; BRUDER, Gail; DUCHAN, Judith; ALMEIDA, Michel J; DANIELS, Joyce H.; GALBRAITH, Mary; WIEBE, Janyce M.; YUHAN, Albert Hanyong. Deictic Centers and the Cognitive Structure of Narrative Comprehension. *Technical Report* n. 89-01. Buffalo, NY: SUNY Buffalo Department of Computer Science, 1994.

RAPAPORT, William. J.; SHAPIRO, Stuart C. Cognition and Fiction. In: DUCHAN, Judith F.; BRUDER, Gail A.; HEWITT, Lynne (Eds.). *Deixis in Narrative: A Cognitive Science Perspective*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

ZWAAN, Rolf; RADVANSKY, Gabriel. Situation Models in Language comprehension and memory, *Psychological Bulletin*, v.123, n.4, p.162-185, 1998.

Recebido em: 09 de julho de 2015.

Aceito em: 31 de julho de 2015.